



O LUGAR DA LÍNGUA NA ANÁLISE DE DISCURSO: UMA LEITURA DE PÊCHEUX POR MARK COUSIN

*LA PLACE DE LA LANGUE DANS L'ANALYSE DU DISCOURS:
UNE LECTURE DE PÊCHEUX PAR MARK COUSIN*

Alan Lôbo de Souza¹

Resumo: Maldidier (2003 [1990]) faz circular entre teóricos da Análise de discurso o momento em que a obra de Pêcheux (1975) promove uma reviravolta no empreendimento teórico iniciado pelo filósofo francês: a maquinaria discursiva abre espaço para outro modo de empreender um trabalho rigoroso nas análises. Mas uma questão se mantém: como abordar o funcionamento do inconsciente e da ideologia na constituição do sujeito de forma rigorosa em sua base material, a língua? Tendo isso em vista, este artigo tem por objetivo analisar o gesto de leitura que Mark Cousin, historiador britânico falecido em 2020, produz em relação à “*Les vérités de La Palice*”, especialmente à parte dois da obra. Trata-se do artigo “*Jokes and their relation to the mode of production*”, texto pouco conhecido entre analistas do discurso, publicado meses após a morte de Pêcheux, em 1985. Neste artigo, o historiador enaltece o trabalho teórico do filósofo francês, descrevendo com precisão como este intervém politicamente por meio da sua propositura teórica sobre os processos discursivos em torno da significação sem perder de vista os mecanismos linguísticos que os processam. Para tanto, o artigo será dividido em dois momentos: o primeiro, destinado a situar brevemente a influência de Althusser no empreendimento teórico de Pêcheux a partir da leitura de Cousin (2010 [1985]); o segundo, por sua vez, proponho retomar a análise que Pêcheux (1975) realiza em torno do problema das relativas no âmbito da linguística, sem perder de vista a leitura que Cousin faz do deslocamento proposto pelo filósofo francês.

Palavras-chave: Língua. Orações relativas. Significação. Materialismo histórico.

Resumé: Maldidier (2003 [1990]) fait circuler parmi les théoriciens de l'Analyse du Discours le moment où l'œuvre de Pêcheux (1975) provoque un tournant dans l'entreprise théorique initiée par le philosophe français: la machinerie discursive ouvre la voie à une autre manière d'entreprendre un travail rigoureux dans les analyses. Mais une question demeure: comment aborder le fonctionnement de l'inconscient et de l'idéologie dans la constitution du sujet de manière rigoureuse dans sa base matérielle, la langue? Dans cette perspective, cet article vise à analyser le geste de lecture que Mark Cousin, historien britannique décédé en 2020, produit en relation à «*Les vérités de La Palice*», en particulier la deuxième partie de l'œuvre. Il s'agit de l'article «*Jokes and their relation to the mode of production*», un texte peu connu des analystes du discours, publié quelques mois après la mort de Pêcheux, en 1985. Dans cet article, l'historien loue le travail théorique du philosophe français, décrivant avec précision comment celui-ci intervient politiquement par sa proposition théorique sur les processus discursifs autour de la signification sans perdre de vue les mécanismes linguistiques qui les traitent. À cette fin, l'article sera divisé en deux moments: le premier, destiné à situer brièvement l'influence d'Althusser sur l'entreprise théorique de Pêcheux à partir de la lecture de Cousin (2010 [1985]); le second, quant à lui, je propose de reprendre l'analyse que Pêcheux (1975) réalise autour du problème des relatives dans le domaine de la linguistique, sans perdre de vue la lecture que Cousin fait du déplacement proposé par le philosophe français.

Mots-clés: Langue. Relatives. Signification. Matérialisme historique.

¹Doutor em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professor adjunto e professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Piauí (UESPI).

Introdução

Refletir sobre o lugar da língua na constituição da teoria materialista da significação proposta por Pêcheux (1975) é uma tarefa central para compreender o movimento teórico de deslocamento que promove em relação ao objeto da linguística. Essa necessidade de insistir na compreensão do lugar que a língua ocupa na teoria é justificada quando, não raramente, observamos análises realizadas em pesquisas em Análise de Discurso (AD) que se dedicam justamente sobre o funcionamento dos processos discursivos na/pela língua.

Tal inquietação foi abordada durante o curso de férias ministrado por mim durante estágio pós-doutoral² e que se estendeu por cinco dias em uma das salas da UFRGS. O curso, que teve o mesmo título deste artigo, visou agregar pesquisadores e estudantes das áreas de linguística, letras, ciências humanas e sociais que se debruçam sobre o funcionamento dos sentidos na linguagem a partir de uma especificidade: compreender como a língua, em sua relação constitutiva com a ideologia e a história, produz efeitos de sentido a partir das reflexões e críticas produzidas por Pêcheux (1975), mais especificamente na segunda parte de sua obra. E a inquietação em torno do lugar da língua na AD se fez presente, sobretudo quando a seguinte questão se impõe e nos faz pensar: “como analisar os mecanismos sintáticos, os encaixes que se apresentam em minha pesquisa tendo em vista os processos discursivos que os engendram”?

Neste artigo o objetivo é menos problematizador e mais específico. Embora seja produto de uma discussão aventada durante o curso, proponho desdobrá-lo a partir da seguinte maneira: revisitar a segunda parte da obra de Pêcheux (1975) a partir de um gesto de leitura empreendido por Mark Cousin, historiador britânico, que se dedicou a estudos nas áreas de sociologia, teoria social, filosofia e crítica de arquitetura, com forte foco em teóricos como Foucault e Althusser. Não há, portanto, no trajeto de Cousin um interesse contínuo às pesquisas de Pêcheux ou às pesquisas em Análise do discurso, o que justifica a pouca circulação do seu texto entre analistas do discurso. Mas é justamente o fato de ser um gesto de leitura pontual e externo ao olhar da teoria que o artigo, a meu ver, merece nossa atenção,

² O curso foi supervisionado pelo Prof. Fábio Ramos Barbosa Filho, a quem agradeço a oportunidade de empreender uma discussão que, embora pautada pelo próprio (ver Barbosa Filho, 2025), aparenta ser francamente posta em segundo plano entre analistas: o pensamento segundo o qual o trabalho com a língua aparenta perder terreno em pesquisas/análises em AD, cedendo espaço a análises que privilegiam o simbólico e outros signos, o que, se, por um lado, pode ser produtivo; por outro lado, distanciam-se das preocupações Pecheutianas sempre interessadas pelo funcionamento discursivo na/pela língua.

sobretudo quando nos vemos mais a replicar conceitos e categorias que refletir sobre os processos que as engendraram.

Em outras palavras, o objetivo de empreender um itinerário analítico sobre este artigo é único: refletir sobre o modo como Cousin analisa e enaltece o trabalho teórico do filósofo francês, descrevendo com precisão como este intervém politicamente por meio da sua propositura teórica sobre os processos discursivos sem perder de vista os mecanismos linguísticos que os sustentam.

Para tanto, optei por dividir o texto em dois momentos, acrescido das considerações finais: o primeiro, destinada a situar brevemente a influência de Althusser no empreendimento teórico de Pêcheux a partir da leitura de Cousin (2010 [1985]); o segundo, por sua vez, proponho retomar a análise que Pêcheux (1975) realiza em torno do problema das relativas no âmbito da linguística, sem perder de vista a leitura que Cousin faz do deslocamento proposto pelo filósofo francês. Espero, com isso, traçar, a partir do gesto de leitura empreendido por Cousin, o caminho percorrido por Pêcheux na segunda parte de seu livro, seção em que a língua tem lugar privilegiado em sua reflexão.

1 Língua e ideologia

O artigo, intitulado “*Jokes and their relation to the mode of production*” (2010), foi publicado na revista britânica *Economy and Society* no ano de 1985 e tornou-se disponível on-line apenas em 2010. O título dado por Cousin (2010 [1985]) deixa uma primeira impressão: seu objetivo seria analisar o funcionamento do humor em meio aos modos de produção? Não.

De fato, a escolha pelos chistes dialogam com a constante presente do humor na obra do próprio Pêcheux (1975) – o que rendeu críticas ao filósofo³. Entretanto, observamos com curiosidade o caminho percorrido por Cousin: ele acaba por dar maior atenção ao lugar da língua na formulação de uma teoria materialista dos processos discursivos, tal como proposto por Pêcheux, a partir da discussão que este empreende diante da questão das orações relativas,

³ É no Anexo 3, “Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação” que Pêcheux reflete sobre o uso dos chistes na construção de uma crítica às ilusões teoricistas mantidas pela classe dominante. Sobre isso, ele esclarece: “Era – percebo agora – o único meio de que eu dispunha para expressar, pela guinada do *non-sens* no chiste, o que o momento de uma descoberta tem fundamentalmente a ver com o desequilíbrio de uma certeza: o chiste é um indicador determinante pois, sendo estruturalmente análogo ao caráter de falta do lapso, acaba por representar, ao mesmo tempo, a forma de negociação máxima com a “linha de maior inclinação”, o instante de uma vitória do pensamento no estado nascente, a figura mais apurada de seu surgimento. [...] Em outras palavras, o Witz encontra o inconsciente: o Witz apreende algo desse encontro, dando a aparência de domesticar seus efeitos” (Pêcheux, 2009 [1975], p. 280)

articulando-a a partir da crítica à posição filosófica logicista (idealismo) que imperava na linguística. O humor acaba por ser um interesse marginal em seu artigo, na medida em que algumas poucas piadas aparecem para ilustrar o funcionamento discursivo que as constituem.

Na leitura que faz de Pêcheux, Cousin utiliza da versão inglesa da obra, intitulada *Language, Semantics and Ideology: Stating the Obvious*⁴, de 1982, e opta por iniciar pelas contribuições centrais de Althusser⁵ ao pensamento Pecheutiano, na medida em que observa que é o esboço que este faz sobre a consciência humana – mais especificamente o funcionamento da interpelação na constituição do sujeito – e o funcionamento da ideologia que permite à Pêcheux questionar as teorias dominantes sobre o significado. Cousin (2010 [1985]) enaltece a visão esboçada por Althusser a respeito do sujeito, segundo a qual o funcionamento do que ele chama de “autoevidência compulsiva” oculta do próprio sujeito o caráter imaginário que este mantém com seus objetos de experiência. Assim, “*The subject sets off, unwittingly and every day, in a fictional direction. And it does so, not just by way of the church, the school, the office or the factory but also by way of wherever it is they manufacture philosophy*”. (Cousin, 2010 [1985], p. 94).

De fato, o “efeito de evidência” de que trata Althusser é central na teoria materialista de Pêcheux, uma vez que inscreve na teoria a compreensão do funcionamento da ideologia e da existência do próprio sujeito, simultaneamente. O sujeito é encarado como efeito, como também o é a experiência humana, “*And what is evident to humans, is imaginary in respect to knowledge, and may be called Ideology*.” (Cousin, 2010 [1985], p. 95). É nesse processo de interpelação, como pensado por Althusser, que se estabelecem as relações pessoais, experienciadas como sempre já-lá, presentes desde sempre.

Essa compreensão, sublinha Cousin (2010 [1985]), é importante não apenas para a luta ideológica, mas também para o trabalho filosófico e teórico. Trata-se da luta contra o idealismo apontado por Marx, desenvolvida por Althusser e abraçada por Pêcheux.

The struggle against 'idealism' is made all the more difficult because 'idealism' is the immediate form of experience given to subjects. That I think and therefore that I am; that I perceive things which exist and come to know them; in short the evident experience of experience, all this in Althusser's argument not only constitutes the grounds of idealism/empiricism but is its strongest ally – quotidian life. (Cousin, 2010 [1985], p. 95)

⁴ Apesar de as publicações apresentarem particularidades que as distinguem, neste artigo, a versão utilizada refere-se à tradução brasileira da versão francesa..

⁵ Cousin (1985) refere-se a duas obras de Althusser: “Ler o capital”, publicada em 1965, e “Lênin e a filosofia e outros ensaios”, publicada em 1968, ambas na França.

Cousin (2010 [1985]) defende que a leitura feita por Althusser sobre o funcionamento da ideologia é o trabalho teórico que permite à Pêcheux refletir sobre o funcionamento dos processos discursivos realizados em sua base material: a língua. Pêcheux, de fato, alicerça sua crítica sobre o modo como a linguística encara o seu objeto, até então distante do que se designou como “exterioridade”, parte encarada pelas pesquisas dominantes nos estudos linguísticos até meados da década de 1960 como não passível de produzir um trabalho teórico “científico”⁶. O tratamento sistemático do *corpus*, o rigor do método e sua aplicação eram bases do pensamento positivista da ciência.

Em sentido oposto, o posicionamento teórico de Pêcheux (1975) permite à AD pôr em questão a evidência do sujeito e a “evidência do sentido”, sendo o discurso o lugar em que se articulam língua e ideologia. Sua compreensão credita o problema ao falso dilema formalismo-conteudismo (ilusão referencial) em contraposição à forma-material (linguístico-histórica), onde encontra meios para refletir sobre os limites do domínio da Linguística no trato com a significação, o “retorno incessante a uma questão que incomoda” (Pêcheux, 2009 [1975], p. 77).

A tese de Pêcheux (1975) em torno da existência das relações ideológicas de classes é sublinhada quando este lembra Balibar: “O fato de que a língua, escreve E. Balibar, seja ‘indiferente’ à divisão de classes e a sua luta, não quer dizer que as classes sejam ‘indiferentes’ à língua. Ao contrário, elas se utilizam, de modo determinado, no campo de seu antagonismo, especialmente de sua luta política.” (Pêcheux (2009 [1975], p. 82). É o entendimento de que a natureza material do sentido é central para compreender o funcionamento sintático na relação com o sentido que será o fio condutor da análise que Pêcheux realiza na parte dois de seu livro.

2 As relativas: o pré-construído e o efeito de sustentação

Luís XV queria testar a sagacidade de um de seus cortesãos, sobre cujo talento lhe haviam falado. Na primeira oportunidade, ele ordenou ao cavaleiro que fizesse uma piada na qual ele, o rei, fosse o *sujet* (sujeito). O cortesão imediatamente deu a resposta

⁶ Uma leitura incontornável sobre a questão do imaginário de cientificidade é a obra de Chalmers (1985), em que o filósofo questiona a tese segundo a qual a ciência se estrutura pela sua neutralidade, tanto na escolha dos objetos quanto na análise destes, na medida em que o estudo científico é aquele que é apartado da ideologia.

inteligente: "O rei não é *sujet*" (Freud, 1960, p. 37, tradução livre)⁷.

O *chiste*⁸ acima retirado de Freud (1960) comparece como a epígrafe do artigo de Cousin (2010 [1985]). Retomaremos a ela mais adiante. Nesse momento, sua presença servirá ao propósito de problematizar o lugar da língua em uma análise discursiva: afinal, em termos gerais, como abordar a questão do significado?

Cousin (2010 [1985]) observa que a crítica de Pêcheux para com a linguística está no modo como a Semântica⁹ concebe a linguagem enquanto sistema, sendo o significado uma propriedade desse sistema. Saussure estará no centro das suas reflexões pois é o responsável por pensar a língua em dois registros, *langue* e *parole*. Se aquela é compreendida como o próprio objeto e sistema, esta é lida como o uso do objeto, sendo exterior ao sistema.

We have what to Pecheux constitute two different registers; language as an objective definite system, and language use arising from a subjective register. Moreover this subjective register (*parole*) does not have to be simply the individual. It is defined by its externality to the system, and in different schools of the study of meaning, can designate not only the speaking subject but can also refer to social groups, and indeed to 'history' itself. What links all these heterogeneous agents under the heading the 'subjective' is simply that they are exterior to the system, not fully determined by it, and capable of modifying the system. (Cousin, 2010 [1985], p. 97)

Cousin (2010 [1985]) sublinha que pensar a língua a partir desse duplo registro expõe uma contradição para Pêcheux. De um lado, afirma, estarão as teorias centradas no caráter objetivo e sistemático da linguagem, em que os significados são imanentes; de outro lado, há as teorias que defendem o olhar sistemático para os fatores que modificam o sistema de fora.

⁷ A piada retirada de Freud (1960) está redigida em inglês, embora possa ser atribuída a uma produção de origem francesa em virtude tanto pelo fato de o personagem central ser o rei francês deposto durante a revolução francesa (logo demanda o conhecimento das condições de produção sócio-históricas fundamentais para a compreensão do texto humorístico), como também em função da frase que produz o efeito de humor na piada ser redigida no idioma francês, motivada pelos sentidos em torno de "*sujet*" – o que não ocorreria se a fala estivesse em inglês ou mesmo em português. Eis o texto como redigido no artigo de Cousin (1985): "*Louis XV wanted to test the wit of one of his courtiers, of whose talent he had been told. At the first opportunity he commanded the gentleman to make a joke of which he, the king, should be the 'sujet (subject)'. The courtier at once made the clever reply: 'Le roi n'est pas sujet'*" (Freud, 1960, p. 37).

⁸ Termo utilizado por Freud para se referir ao que comumente chamamos de piada, um texto humorístico que apresenta especificidades em relação à sua forma e execução. A obra "Os humores da língua" (1998) de Sirio Possenti é uma excelente fonte para quem pretende refletir sobre o funcionamento das piadas a partir de um olhar linguístico.

⁹ Pêcheux (2009 [1975], p. 10) observa que "A Semântica [...] cuja definição mais geral é a de que ela se ocupa do sentido, parece derivar, antes de tudo, da Linguística e da Lógica: a palavra semântica apareceu no final do século XIX, mas o que ela designa remete tanto às preocupações mais antigas dos filósofos e gramáticos quanto às pesquisas linguísticas recentes [...] Essas controvérsias se baseiam, como veremos, em questões filosóficas que tocam, também elas, o problema da universalidade e da linguagem ideal".

E conclui: “*Semantics is the arena in which these two registers are played out against each other*”. (Cousin, 1985, p. 97). Com efeito, conceber a língua como um sistema objetivo que sofre interferências do “subjetivo” abre espaço para a própria instabilidade do termo: pode designar não apenas o falante, mas grupos sociais e a própria “história”, sublinha Cousin (1985), agrupados e rotulados como exteriores ao sistema.

Visto como um problema insolúvel na Semântica, Cousin (2010 [1985]) compreende o movimento operado por Pêcheux ao desloca o problema para fora dessa dicotomias, na medida em que tal proposta, em certa medida, trata-se de uma repetição de antigas posições filosóficas, circunscritas entre substância e acidente, necessidade e acaso, o que Pêcheux verá como o embate entre a Lógica e a Retórica.

Such philosophical distortions propose on the one side a notion of an interiority which is fully determined; it saturates itself with its own determination. The contents of this interiority can be deduced. On the other side there is a notion of a contingent exteriority, a realm whose contents have to be listed in order to represent it, a realm which cannot be deduced, which does not determine itself. Pecheux treats this distinction as being the classical distinction between Logic and Rhetoric [...] (Cousin, 2010 [1985], p. 98)

A exposição crítica entre as duas teses, o objetivismo abstrato e o idealismo subjetivista, será observada por Pêcheux na análise das orações relativas empreendida ao longo da segunda parte de “Semântica e discurso”, intitulada “Da filosofia da linguagem à teoria do discurso”. Uma questão que abordaremos na próxima seção. Neste momento, limito-me a sublinhar a inconsistência apontada por Pêcheux em torno do modo como o sentido é pensado pela dicotomia objetivo/subjetivo, mantendo em suspenso como ele estrutura sua crítica e o que propõe em seu lugar: a relação histórica do sentido, a não transparência da língua e do sujeito (a presença do inconsciente) – elementos apartados das abordagens da Lógica e da Retórica.

Voltemos ao chiste que inicia essa seção. A presença do texto humorístico não é sem propósito e estrutura pontualmente a crítica em torno do funcionamento e análise da língua e o deslocamento da questão para o discurso. O funcionamento do humor, embora em uma análise linguística possa ser atribuído ao trocadilho, ao duplo sentido que *sujet* opera no chiste, à luz de uma teoria que encare a língua como a base de processos discursivos, os efeitos de sentido que produz não são admitidos apenas enquanto produto de uma evidência percebida após a fala final do cortesão (“O rei não é *sujet*”), mas determinado, sobretudo, pela historicidade que os engendra.

Em uma leitura em torno da significação de “*sujet*” que encerraria uma análise diante do caráter linguístico do humor no chiste, temos, em uma primeira leitura, que o rei ordenou ao cavaleiro que fizesse uma piada em que fosse, o rei, o assunto/tema da piada, o objeto central dela. Porém, ao final do texto, a fala do cavaleiro encerraria outra significação ao ser entendida como “O rei não é/não pode ser um *súdito/vassalo* (“*sujet*”) de ninguém”. A “resposta inteligente” proferida pelo cortesão seria o *trigger*¹⁰ (Raskin, 1985) desencadeador do efeito humorístico que acionaria esse duplo entendimento. Assim, o cortesão atende ao desafio do Rei com uma piada *sobre* o Rei, mas, ao mesmo tempo, afirma a soberania absoluta do monarca ao dissimular não ter feito a piada.

Diante desse gesto de análise é possível realizar outro, assumindo que há, no funcionamento da língua, condicionamentos sócio-históricos e ideológicos sob a interpretação produzida pelo leitor-ouvinte da piada. Isso implica observar as condições de produção em torno da opacidade do desafio imposto pelo Rei: “testar a sagacidade” ou “ordenar ao cavaleiro” são arranjos sintáticos anteriores ao enunciado do próprio cortesão que circunstanciam efeitos de autoridade historicamente determinados em que a monarquia impõe ao outro (súditos) o seu desejo sob a jura de perda da vida daquele que se nega a realizar (“testar” desdobra em “submeter a seus desígnios”; assim como “ordenar” não é “solicitar”, “pedir”).

Com efeito, o humor é esperado pela atribuição sócio-histórica em torno do texto humorístico: o chiste é reconhecido pelo final surpreendente, por tratar de casos sérios com derrisão. Logo, efeitos de sentido coerentes com o medo, embora possíveis, são improváveis de se atribuir a esse texto, entre outros motivos, por trazer a encenação zombeteira à narrativa.

Implica observar também as construções “cujo talento haviam lhe falado...” ou “o cortesão imediatamente deu a resposta inteligente...” sob as quais incidem os mesmos efeitos da autoridade (Quem seria o afamado súdito a quem quero/posso submeter a testes?/A resposta foi dada sem demora, sem recusa!), mas que são secundárias diante da sagacidade do cortesão em detrimento do possível temor, leitura coerente às condições de produção sócio-históricas do dizer.

¹⁰ Raskin (1985) defende um modelo de análise em que as piadas são produzidas a partir de dois “frames” que ocorrem simultaneamente sem que o leitor-ouvinte se dê conta. Somente ao final do texto há o acionamento do que ele chama de gatilho (*trigger*) que permitirá ao leitor-ouvinte visualizar ambos os frames, a dupla significação que, por sua vez, seria a responsável por produzir o humor.

Essas observações contribuem para a compreensão em torno do enunciado central da piada, mas especificamente sob *sujet* e para além de uma significação de “assunto” ou “tema”. A associação à Súdito ou à Vassalo é central para o efeito de humor, não apenas por se dissociar do sentido outro de *sujet*, diferente de assunto/tema, mas por sustentar o jogo de poderes inscrito na cena narrada. No caso da piada, é a historicidade que inscreve os lugares sociais de uma sociedade monárquica, produzindo incompatibilidades e, por sua vez, a derrisão. Portanto, de acordo com a teoria materialista, não está em jogo no gesto interpretativo apenas um ato de decifração: o objetivo do analista não é apenas interpretar, mas expor o leitor às possibilidades de significação em um material analisado.

Para isso, é necessário estar atento ao desejo de controlar os sentidos, direcionando o olhar à observação da equivocidade, da contradição, da resistência como formas materiais que determinam efeitos de sentido nos discursos. E tais observações sublinham o lugar da língua na teoria: é a língua que dá ao sujeito o efeito de unidade, a compreensão autocentrada de origem dos sentidos. Como assevera Pêcheux (1975), todo enunciado é linguisticamente descritível como uma série de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar à interpretação. Essa tese nos permite retornar ao objeto de análise explorado em sua obra, as relativas.

O funcionamento das orações relativas é compreendido por Pêcheux (1975) como o lugar de articulação de fatores semânticos e sintáticos. Seu entendimento dialoga com a tese de Henry (1990 [1975]), o qual afirma que nas relativas atuam simultaneamente a sintaxe e a semântica, sendo esta entendida como produto dos processos discursivos que engendram efeitos de sentido e que se realizam por meio da paráfrase discursiva, entendida como “formulações diferentes quanto a sua materialidade [...] ligadas a um mesmo efeito de sentido” (Henry (1990 [1975], p. 59). Henry defende a presença da autonomia relativa da língua (sintaxe) atuando simultaneamente às articulações discursivas.

A divisão em relativas determinativas e explicativas, como defendem as abordagens lógica-gramaticais, é o equivalente ao que é dito como orações restritivas e não restritivas. Cousin (2010 [1985]) descreve bem a tese a partir de uma análise da Gramática de Port-Royal:

Port-Royal takes the distinction as absolute; the determinative clause refers to something which is by its nature a property of the subject of the main clause. By contrast the explicative clause refers to something which is contingent, something which merely happens to be the case. **The distinction which Port Royal draws is that the first type of clause belongs to the domain of Logic, the latter belongs to the order of discourse.** (Cousin, 2010 [1985], p. 98, grifo meu)

Cousin (2010 [1985]) explicita nessa passagem o cerne que permite a Pêcheux questionar a validade do racionalismo-lógico no tratamento da significação: o que é considerado contingente, atribuído à ordem do situacional, não permite atribuir ao tratamento da significação um tratamento científico. Logo, o tratamento da linguagem teria, de um lado, o tratamento científico e, de outro, o impossível de apreender por meio da ciência por ser considerado situacional, exterior, situacional; portanto irrelevante de analisar sistematicamente. Os pares objetivo/subjetivo e sistema/sujeito são observados novamente, situação sintetizada por Cousin (2010 [1985]) como um obstáculo filosófico dolorosamente presente na Semântica.

De fato, essa observação é explorada por Pêcheux (1975) a partir dos exemplos tratados por Frege (1971) que vê na articulação das relativas a atribuição a uma referência. É o caso do exemplo “Aquele que descobriu a forma elíptica das órbitas planetárias morreu na miséria”, em que Kepler é considerado o referente, uma vez que, se há uma afirmação, Kepler é o nome próprio acionado em “Aquele que”. Por sua vez, sendo um nome próprio, haveria a pressuposição de verdade sobre a afirmação. Para Pêcheux (1975), contudo, o caso ganha um novo rumo, mais complexo, quando nos deparamos com a seguinte frase: “Aquele que salvou o mundo morrendo na cruz nunca existiu”; afinal, como o referente de “Aquele que” ter salvo o mundo sem nunca ter existido? Há a presença de uma afirmação (“Aquele que... nunca existiu”) tal qual a frase anterior, mas o referente não encontraria ancoragem nela na medida em que há a afirmação na própria alegando que ele nunca existiu. Sobre isso, Cousin (2010 [1985]) argumenta que

[...] the negation of the sentence 'Kepler died in misery' is not simple but, in fact, must be one of a pair. Either Kepler did not die in misery or the name 'Kepler' has no reference. This constituted a real advance according to Pêcheux, but is deflected by Frege's logicism. That is, **Frege tends to treat the case of reference as an open and shut case**. Either there is reference or the referent does not exist, and had been temporarily lent a hint of existence through the misleading capacity of language to refer to things which do not exist. (Cousin, 2010 [1985], p. 99, grifo meu)

Ao argumentar que Frege considera a referência como um “caso aberto” ou “fechado”, Cousin (2010 [1985]) expõe a conclusão logicista: atribuir a frases como “Aquele que salvou o mundo morrendo na cruz nunca existiu” o entendimento de que se trata de um caso de “falseamento” próprio da linguagem; isto é, uma capacidade de falsear a realidade

construindo afirmações que não seriam consideradas verdades. Uma tese rejeitada por Pêcheux.

Pêcheux (1975) argumenta em outra direção ao defender que o funcionamento das subordinadas coloca, de um lado, o que é pensado antes, em outro lugar, e o que é apresentado pela afirmação global da frase, quebrando com o idealismo sobre a capacidade de a língua produzir certezas sobre a realidade e, por vezes, falseá-la. Observação lembrada por Cousin (2010 [1985]) na ilustração dada por Pêcheux mais uma vez por meio de um chiste trabalhado por Freud (1960):

- Foi aqui que o Duque de Wellington disse aquelas palavras?
- Sim, é o lugar; mas ele nunca disse aquelas palavras." (Freud 1960, tradução livre)¹¹

Com efeito, como poderia ser possível incluir na afirmação construída na sentença uma informação que negaria a sua legitimidade? A alegação segundo a qual se trataria de um texto de humor seria suficiente como explicação e como exemplo do “falseamento”, “mal-entendidos” da linguagem como defende Frege (1971)? Em uma analogia, podemos produzir um exercício de análise sobre o exemplo, elaborando outro a partir da narrativa do momento que reconheceu a independência do Brasil. Teremos algo como:

(i) – Foi aqui, às margens do Ipiranga, que Dom Pedro II disse aquelas palavras?
- Sim, é o lugar; mas ele nunca disse aquelas palavras."

Nesse caso, o acionamento de uma memória discursiva sobre o evento narrado – ocorreu com dizem que ocorreu? Teria Dom Pedro II dito aquelas palavras às margens do rio Ipiranga? Entre outras possibilidades de questionamentos que circulam no imaginário do brasileiro na contemporaneidade – produziria não só o efeito humorístico, mas também solucionaria a incongruência que aparenta erigir: Dom Pedro esteve às margens do Ipiranga, mas não disse as “aquelas” palavras co-ocorre com Dom Pedro esteve às margens do Ipiranga e disse “aquelas” palavras.

No exemplo, não há um problema para a atribuição de sentidos por parte do sujeito que a escuta ou lê – desde que este tenha conhecimento das condições de produção que sustentam o texto humorístico em questão. É a dupla possibilidade posta em suspensão que ocasiona o humor, não uma ilusão (posição de existência), uma imperfeição da linguagem.

¹¹ Na versão em inglês: "- Is this the place where the Duke of Wellington spoke those words? – Yes, it is the place; but he never spoke those words." (Freud 1960).

Retomando ao exemplo analisado por Pêcheux, teríamos “Aquele que... nunca existiu” como uma afirmação que surge na construção da frase e “Aquele que salvou o mundo morrendo na cruz” sendo algo construído antes, em outro lugar, e que comparece na frase. Este último é o que Pêcheux (1975) considera por **pré-construído**, mecanismo da ordem do discurso – portanto não meramente linguístico – que agrega o funcionamento da ideologia, por ser da ordem do imaginário historicizado no dizer, que incide sobre o funcionamento das orações relativas.

O pré-construído, “um efeito discursivo ligado ao encaixe sintático” (Pêcheux, 2009 [1975]), questionaria a compreensão de um funcionamento restritivo (determinativo) em que a relativa “[...] que salvou o mundo morrendo na cruz” exerce uma afirmação, uma especificidade, sobre “alguém” designado por “Aquele que”. O pré-construído, de acordo com Pêcheux (1975), representa a existência de uma dupla temporalidade no enunciado, de modo que a proposição de base “Aquele que nunca existiu” viria acrescida de outra, vinda de outro momento e lugar “[...] que salvou o mundo morrendo na cruz”.

Essa tese está presente na pergunta feita por Pêcheux: “Não devíamos [...] considerar que há separação, distância ou discrepância na frase entre o que é pensado antes, em outro lugar ou independentemente, e o que está contido na afirmação global da frase?” (Pêcheux, 2009 [1975], p. 88-89). É o que o faz concluir que no enunciado a relativa dita restritiva corresponde “a condição formal de um efeito de sentido cuja causa material se assenta, de fato, na relação dissimétrica por discrepância entre dois “domínios de pensamento” (Pêcheux, 2009 [1975], p. 89). O funcionamento do pré-construído seria o argumento discursivo para compreendermos o funcionamento dos chistes há pouco analisados.

Em relação ao posicionamento de Pêcheux (1975) sobre o funcionamento do pré-construído, Cousin (2010 [1985]) argumenta que

It is as if it were a category of reference which is not concerned with the status of the referent in the sense of existence or non-existence. This type of reference is reference to a construction which pre-exists the utterance, and has now appeared in it. Something from another thought has broken into this one. **If language makes possible sentences which contradict the presupposition of the subordinate clause, these are not a class of exceptions. Rather they are the class of visible examples of preconstruction, where most instances remain invisible.** (Cousin, 2010 [1985], p. 100, grifo meu)

Cousin (1985) enaltece o movimento operado por Pêcheux na análise da relativa determinativa e acrescentará, ao fim do seu artigo, que o pré-construído, ao passo que

articula-se na/pela língua, é da ordem da ideologia e do inconsciente, articulação esta que produz uma “estranheza familiar” no sujeito ao ler enunciados em que as relativas estão presentes.

Em oposição ao funcionamento do pré-construído, Pêcheux (1975) avança sobre a compreensão que Frege (1971) dá ao funcionamento das relativas “explicativas”, a partir da análise de uma expressão derivada de um dos exemplos de Frege que observamos acompanhada da descrição do próprio Pêcheux:

“O gelo, que tem um peso específico inferior ao da água, flutua sobre a água”.

Frege distingue os três “pensamentos” seguintes:

- 1) O gelo tem um peso específico inferior ao da água.
- 2) Se alguma coisa tem um peso específico inferior ao da água, flutua sobre a água.
- 3) O gelo flutua sobre a água. (Pêcheux, 2009 [1975], p. 100)

Ao numerar as premissas (1) e (2) seguidas da conclusão (3), Pêcheux descreve o funcionamento do silogismo: “Se alguma coisa tem um peso específico inferior ao da água, flutua sobre a água. Ora, o gelo tem um peso específico inferior ao da água. Logo, o gelo flutua sobre a água.” (Pêcheux, 2009 [1975], p. 100). Pêcheux afirma que o mecanismo da relativa “explicativa” é compreendido por Frege como uma capacidade de a relativa articular um elemento saturado, isto é, introduzir uma relação de implicação sob a forma “o que é α é β ” em que o primeiro equivale a “ser gelo” e, o segundo, a “ter um peso específico inferior ao da água.

A relativa “explicativa” servirá como um suporte de pensamento que Pêcheux (1975) chama de **efeito de sustentação** como produto do discurso transversal. O fato de a relativa poder ser suprimida sem destruir o sentido da proposição de base é o argumento central em favor de sua tese, sublinhando que a explicativa “constitui a evocação lateral daquilo que se sabe a partir de outro lugar e que serve para pensar o objeto da proposição de base” (Pêcheux, 2009 [1975], p. 101).

A “articulação de asserções” o faz revisitar exemplos que analisou em outros momentos de seu texto, como “Kepler, que descobriu a forma elíptica das órbitas planetárias, morreu na miséria” e “Napoleão, que reconheceu o perigo para o seu flanco direito, comandou pessoalmente sua guarda contra a posição do inimigo”. No primeiro caso, argumenta que o enunciado poderia ser lido como um funcionamento explicativo da relativa através da construção de subordinadas: “Kepler morreu na miséria porque descobriu a forma

elíptica das órbitas planetárias”; já no segundo teremos “Napoleão comandou pessoalmente sua guarda contra a posição do inimigo porque reconheceu o perigo para o seu flanco direito”.

Sobre o exemplo de Kepler, Pêcheux (1975) sublinha que Frege não admite a possibilidade da eventualidade na relação descoberta e castigo. No exemplo de Napoleão, porém, apresenta o seguinte entendimento de Frege que merece ser revisitada em uma citação mais alongada:

[...] estas etapas subordinadas não têm um sentido tão simples. Quase sempre, ao que parece, aos pensamentos principais que exprimimos, relacionamos pensamentos secundários que, embora não expressos, são associados às nossas palavras, inclusive pelo ouvinte, consoante *leis psicológicas*. [...] Poder-se-ia, talvez, achar que a sentença exprime, não apenas os dois pensamentos indicados acima, mas também o reconhecimento de que o reconhecimento do perigo foi razão pela qual Napoleão comandou sua guarda contra a posição inimiga. Pode-se, de fato, estar indeciso quanto a se este pensamento é apenas ligeiramente sugerido ou se é realmente expresso. Pode-se perguntar se a nossa sentença seria falsa se a decisão de Napoleão já tivesse sido tomada antes de ter reconhecido o perigo. (Frege *apud* Pêcheux, 2009 [1975], p. 103)

Pêcheux (1975) afirma que Frege hesita entre duas interpretações possíveis: a contingente (em que reconhecer o perigo seria apenas uma menção aleatória que não interfere no ato de Napoleão) e a necessária (em que o reconhecimento do perigo é causa do ato de Napoleão), não sendo possível determinar qual a relação lógica entre os enunciados. Com isso, argumenta que, por essa via, entramos no “círculo psicológico no qual se alternam a ‘pura narrativa’ histórica e a análise das ‘motivações’ e das ‘intenções’ (Pêcheux, 2009 [1975], p. 104). Pêcheux (1975) recusa esse duplo movimento interpretativo, na medida em que esta tese sugere a existência de uma “cumplicidade” entre interlocutores, sendo a relativa “uma adjunção extralógica de natureza *psicológica*, produzindo no pensamento a *impressão subjetiva de riqueza e profundidade* ligada ao encadeamento – associação entre pensamentos” (Pêcheux, 2009 [1975], p. 106) .

Para avançar na discussão, recorre ao exemplo dos “nomes comuns” a fim de explicar sua recusa. Para tanto, utiliza o exemplo “O homem que é racional é livre”, questionando como determinar o conceito de homem Afinal, apenas alguns homens são racionais, contrapondo outros que, por não serem racionais, não são homens; ou todos os homens são racionais? Pêcheux (1975) Argumenta que

“a questão não pode, na verdade, ser reduzida à análise da “extensão” e da “compreensão” do conceito de *Homem*, mas que, pelo contrário, *essa análise se*

baseia em alguma coisa fundamental que está em jogo antes [...] o que está em jogo é a identificação pela qual todo sujeito 'se reconhece' como homem, ou também como operário, empregado, funcionário, chefe etc., [...] e como é organizada sua relação com aquilo que o representa" (Pêcheux, 2009 [1975], p. 108).

Temos, neste momento, o que Pêcheux chamou de “limites do materialismo” do pensamento lógico de Frege. A crítica está no modo como o idealismo lógico reduz o imaginário a um “efeito psicológico individual, de natureza poética” (Pêcheux, 2009 [1975], p. 109). Sua asserção conduz sua análise para a questão da pretensa objetividade na ciência, concluindo que tanto o realismo metafísico (mito da ciência universal) quanto o empirismo lógico (uso generalizado da ficção) são complementares na apropriação do registro do político na/pela língua.

Enfim, o foco no processamento de um dizer anterior, seja articulado por meio do pré-construído, seja pela compreensão de uma evocação lateral, articulado na/pela língua por meio das relativas é visto por Cousin (2010 [1985]) como o passo que permite a Pêcheux (1975) sustentar a tese segundo a qual há, sobre o funcionamento na/pela língua, efeitos que atuam na constituição dos sujeitos. A respeito disso, temos o projeto de Pêcheux: é o esboço da teoria não-subjetiva da subjetividade, a partir do conceito de Interpelação como pensado por Althusser, a base para a teoria materialista da significação.

Considerações finais

É ponto de concordância – ao menos no ambiente acadêmico – que é característico da pesquisa, em seu estágio inicial, a atenção dada à(s) pergunta(s) feitas ao objeto de conhecimento, a fim problematizá-lo sem perder de vista o real. Tais perguntas são influenciadas pela própria teoria que as engendram. O empreendimento iniciado por Pêcheux em AAD-69, com a construção do objeto discurso distinto do que vinha sendo tratado no distribucionalismo de Zellig Harris é amadurecido em 1975 sem perder de vista a necessidade de uma reflexão atenta ao lugar da língua – posição a qual Pêcheux nunca se afastou.

Sobre esse trajeto, Maldidier (2003 [1990]) faz circular entre teóricos da AD o momento em que a obra de Pêcheux (1975) promove uma reviravolta no seu empreendimento teórico: a maquinaria discursiva abre espaço para outro modo de empreender um trabalho rigoroso nas análises. Mas uma questão se mantém: como abordar o funcionamento do inconsciente e da ideologia na constituição do sujeito de forma rigorosa em sua base material, a língua? Pergunta que subjaz outra, feita pelo próprio Pêcheux: “Como devemos, então,

conceber a intervenção da filosofia materialista no domínio da ciência Lingüística?” (Pêcheux, 1995 [1975], p. 80).

Pêcheux (1975) opta por problematizar a questão a partir do modo como a significação pode ser abordada distante da abordagem positivista, contrapondo as visões filosóficas do racionalismo logicista. Mas como bem observa Cousin (2010 [1985], p. 95): “*The struggle against 'idealism' is made all the more difficult because 'idealism' is the immediate form of experience given to subjects*”. O empreendimento teórico de Pêcheux, apesar de amadurecido, traz mais problematizações do que respostas, abrindo lacunas que seriam tematizadas em textos posteriores, como o livro publicado em parceria com Gadet, *La Langue Introuvable*, e que ainda atraem a atenção dos pesquisadores atentos a sua proposta teórica.

Nesse artigo o objetivo foi trazer a reflexão materialista sobre a significação desenvolvida por Pêcheux, porém abordada por um olhar exterior às pesquisas em AD que por ele são influenciadas, como o caso de Cousin (2010 [1985]). Seu trabalho compreende e descreve com precisão a incompletude da língua na proposta de análise das relativas desenvolvida por Pêcheux na segunda parte de seu livro, em que este desenvolve a tese da articulação indissociável entre língua, historicidade e ideologia na constituição do sujeito determinante na compreensão da significação.

Por fim, encerro o artigo sublinhando a presença de um parágrafo produzido após as referências do artigo de Cousin. O pequeno texto, de autoria compartilhada entre Ben Brewster, Mark Cousins, Paul Hirst, Ernesto Laclau e Colin MacCabe, organizadores do número da revista em que se encontra o artigo, é o espaço em que os autores lamentam o falecimento do filósofo e enaltecem o seu posicionamento político e teórico frente ao problema do sentido. Tais palavras, a meu ver, são precisas ao descrever a contribuição de Pêcheux ao estudos da significação:

His work was marked by an unflinching intellectual honesty and self-criticism. He was convinced that theoretical work – even in apparently abstract and formal areas – should serve the cause of socialist politics. He refused the turn to the right of many intellectuals of his generation, but was fiercely critical of the genuine errors and limitations of the worker's movement, including the French Communist Party. Michel Pecheux was an outstanding example of the best aspect of that work which attempts to make theoretical work politically effective. (Cousin, 2010 [1985], p. 112)

Referências

- BARBOSA FILHO, Fábio Ramos. Sintaxe e Discurso. *In*: BARBOSA FILHO, Fábio Ramos. **O que é Análise de discurso?** Porto Alegre: CirKula, 2025, p. 211-240.
- CHALMERS, Alan. **A fabricação da ciência**. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1994.
- COUSINS, Mark. **Jokes and their relation to the mode of production**. *Economy and Society*, 14:1, 1985, p. 94-112.
- FREGE, Gottlob. Sobre o sentido e a referência. *In*: FREGE, Gottlob. **Lógica e filosofia da linguagem**. Trad. Paulo Alcoforado. Editora Cultrix/Editora da USP. 1978 [1971], p. 59-86.
- FREUD, Sigmund. **Jokes and their relation to the Unconscious** (Standard Edition, vol. 8). London: Hogarth, 1960.
- HENRY, Paul. **Construções relativas e articulações discursivas**. Trad. João Wanderley Geraldi e Celene Margarida Cruz. Cad. Est. Linguísticos. n. 19, jul/dez. Campinas, 1990 [1975], p. 43-64.
- MALDIDIER, Denise. **A inquietação do discurso: (re)ler Michel Pêcheux hoje**. Trad. Eni P. Orlandi. Campinas: Pontes, 2003 [1990].
- PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Trad. Eni Pulcinelli Orlandi *et al.* 2 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1995 [1975].
- RASKIN, Victor. **Semantic Mechanisms of Humor**. Dordrecht: D. Reidel, 1985.

Recebido em: 30/10/2025; **Aceito em:** 22/11/2025.